

OXIGÊNIO

JULHO 2022

o

NÚMERO 35

OBRAS INVISÍVEIS DE CANDIDO PORTINARI



EDITORIAL

A mostra de *Portinari*, “*Raros*”, que exhibe ao público obras invisíveis – pouco ou nunca vistas – inspira essa edição, que traz matérias sobre personagens singulares como Nzinga, uma das soberanas mais estudadas do mundo, que reinou na Nigéria de 1617 a 1624 e transformou-se em um símbolo de resistência ao colonialismo português.

Outro feito raro são as 1.500 horas de programação cultural em nove espaços oficiais da 26ª Bienal do Livro, em São Paulo, entre os dias 2 e 10 de julho. Segundo o presidente da Câmara Brasileira do Livro, Vitor Tavares, “*estarão à disposição do público aproximadamente três milhões de livros*”!

“*Amazônia*”, exposição de Sebastião Salgado, é um fenômeno em si mesmo. Depois de impactar Paris, Londres e São Paulo, desembarca no Museu do Amanhã, RJ, onde permanecerá até janeiro. São 194 fotografias de tirar o fôlego, resultado de um trabalho realizado ao longo de sete anos.

No Museu Britânico em Londres, o *Poder Feminino* está sintetizado na primeira grande exposição de representações mitológicas do feminino, feminilidade e gênero. A mostra – outro evento incomum - reúne uma grande variedade de deusas, feiticeiras e demônios, explorando o olhar das culturas antigas e modernas sobre a autoridade feminina.

Por último, destacamos um exemplo extraordinário de ousadia e criatividade, o hotel *Marqués de Riscal*, projeto arquitetônico assinado por Frank Gehry, que se ergue soberano em meio ao grand décor dos vinhedos da região de Rioja Alavesa, Espanha.

Boa leitura!

Foto de capa: Candido Portinari, *Jangada e Carcaça*, 1940, óleo sobre tela – Crédito Projeto Portinari

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Antonella Kann

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Caixa Ninho*, um mundo entre caixas de papelão – estreia nacional acontece no Sesc Tijuca, RJ | “*Na Medida do Impossível*” – monólogo reflete com humor medos e sequelas emocionais | No Teatro Cacilda Becker, SP, *Garotas Mortas*, de Selva Almada, ganha adaptação inédita pela *Coletiva Palabreria* | Nzinga no Sesc Pompeia, SP – o espetáculo resgata a história da rainha angolana, símbolo da resistência ao colonialismo português

12

MATÉRIA DE CAPA: *Portinari Raros* – CCBB Rio apresenta exposição inédita de Candido Portinari, com obras pouco ou nunca vistas, revelando facetas raras de um dos mais reconhecidos artistas brasileiros

18

TURISMO: Marquês de Riscal – Vinhos, vinoterapia e gastronomia num “castelo” do século XXI

24

SEBASTIÃO SALGADO – AMAZÔNIA: Exposição que já impactou o público em Paris, Londres, Roma e São Paulo, chega dia 19 ao Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro

28

NAKOADA – ESTRATÉGIAS PARA A ARTE MODERNA: A partir do dia 9, no MAM Rio, mostra dialoga com a Semana de Arte Moderna para propor caminhos para o futuro

32

MASP apresenta Sala de vídeo: Melanie Smith

35

LITERATURA: De 2 a 10 de julho, 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo tem 100% dos espaços ocupados

38

SAGRADA GEOMETRIA: Rubem Valentim em livro e exposição na Pinakothek São Paulo

41

MODERNIDADES EMANCIPADAS: Mostra na Galeria Danielian (RJ) traça um panorama histórico de “modernidade” com 80 obras de 38 artistas brasileiros ou radicados no Brasil

46

DIRETO DE LONDRES: O poder feminino no Museu Britânico



Foto: Leandro Maman

CAIXA NINHO, UM MUNDO ENTRE CAIXAS DE PAPELÃO

Estreia nacional acontece no Sesc Tijuca, Rio de Janeiro.

O espetáculo, do Coletivo Eranos Círculo de Arte, estimula a imaginação e criatividade das crianças

Caixas de papelão exercem grande fascínio pelas crianças da primeira infância, e não à toa: com elas, é possível brincar e estimular a imaginação e a criatividade dos pequenos. Foi pesquisando mais a fundo este objeto de desejo infantil, que o coletivo *Eranos Círculo de Arte*, companhia de Itajaí – SC, resolveu produzir o espetáculo. Essa é a primeira temporada da companhia em solo carioca, que acontece entre os dias 2 a 31 de julho. O Eranos é um coletivo de arte com *expertise* em trabalhos para crianças de um a seis anos de idade.

Criado em 2009, o *Eranos Círculo de Arte* apresenta o conceito de protagonismo infantil, colecionando prêmios e participações em festivais por todo o país. “As crianças estão no centro do processo de criação das nossas obras, que promovem a participação efetiva de todas elas durante as apresentações. Os pequenos são parte do espaço estético e criativo das peças, podendo interagir de forma espontânea como integrantes do espetáculo. Podem falar, atuar, ajudar a atriz na condução do roteiro, além de abrir a construção de um

diálogo”, revela a atriz Sandra Coelho, que também é autora e pesquisadora de *Caixa Ninho*, junto com o diretor Leandro Maman. No espetáculo, a atriz compartilha o palco com a musicista Hedra Rockenbach, autora da ambientação sonora realizada ao vivo.

Para aproximar-se deste universo de 1 a 6 anos de idade, o Eranos apostou na vivência das relações que vem desenvolvendo em pesquisa prática, realizando oficinas com crianças de escolas públicas de Itajaí (SC) através de propostas sensoriais, jogos e principalmente da observação de suas relações lúdicas com o espaço, norteadas pela pesquisa para a construção dramática. Desde o início da pandemia, a companhia investiga o uso de caixas de papelão e teatro de animação, assim como suas relações de jogo na composição teatral para a infância.

– *A relação que as crianças estabelecem com as caixas, compreendidas aqui como brinquedos não estruturados, ou seja, que não possuem uma funcionalidade específica, foi o ponto de partida para a criação da peça* – explica Sandra. O coletivo afirma que a intenção é continuar esta pesquisa, dessa vez de maneira presencial.

“*Caixa Ninho*” é um acontecimento teatral onde as crianças são convidadas a entrar num universo de caixas de papelão – um cenário intimista, lúdico e modular – um espaço compartilhado de relação e construção em que tudo é possível. Neste mundo de caixas, crianças e adultos encontram um ninho e presenciam os primeiros voos de uma caixa passarinho.

SOBRE O ERANOS CÍRCULO DE ARTE

<http://eranos.com.br/>

Fundado em 2009 por Sandra Coelho e pelo diretor Leandro Maman, *Eranos Círculo de Arte* é um coletivo de artistas de Itajaí/SC que produz e pesquisa arte e suas interfaces entre o teatro, artes visuais, audiovisual e literatura. A companhia investe também em processos criativos com linguagem onírica e traz como eixo recorrente em seus trabalhos o uso de aparatos multimídia. A partir de 2014, o grupo passou a investigar o uso de tecnologias digitais para a primeira infância. Para o grupo, o teatro é uma maneira de democratizar o acesso à cultura, além de contribuir para a formação de plateia, trazendo desde cedo a experiência da fruição artística.

SERVIÇO

Caixa Ninho – Eranos Círculo de Arte

2 a 31 de julho de 2022

Sesc Tijuca – Teatro 01 – Rua Barão de Mesquita, 539, Tijuca / RJ

Sábados às 16h e domingos às 11h e 16h

Horário de funcionamento da bilheteria:

Terça a domingo, de 9h às 17h

Classificação indicativa: Livre | Duração: 40min

Lotação: 60 lugares | Gênero: Infantil (primeira infância – 1 a 6 anos)

Vídeo: <https://youtu.be/Fd7NwwN69yQ>



Foto: Leandro Maman



Foto: Carolina Warchavsky

“NA MEDIDA DO IMPOSSÍVEL” Monólogo reflete com humor medos e sequelas emocionais. Peça fica em cartaz até 1º de outubro, no Teatro Candido Mendes, Ipanema / RJ

Com idealização, texto e interpretação de Luciana Fregolente e direção de Victor Garcia Peralta, a comédia se passa durante uma madrugada de insônia, quando uma mulher contemporânea reflete sobre seu afastamento do mundo, seus medos e dificuldades no convívio social. Como voltar a viver?

Numa madrugada de insônia, uma mulher madura reflete sobre seu processo de afastamento do mundo, iniciado anos antes do começo da pandemia e da necessidade de isolamento social. É o ponto de partida do monólogo “*Na medida do impossível*”, levando à cena uma discussão bem-humorada sobre saúde mental, solidão e os medos que enfrentamos diante de uma vida que recomeça. Com direção de Victor Garcia Peralta, a autora e atriz Luciana Fregolente volta aos palcos depois de 10 anos na pele de uma tradutora de livros, casada e mãe, que expõe sua crescente dificuldade em se conectar com o ser humano.

Luciana Fregolente, roteirista do núcleo de humor da TV Globo de 2014 a 2021, escreveu a peça nas madrugadas de uma semana, ainda no começo da pandemia, quando já não tinha mais uma rotina definida. Com toques de autoficção, a história se passa justamente durante uma madrugada, quando conhecemos os pensamentos dessa mulher contemporânea, exilada dentro da própria casa, enfrentando o pânico e a depressão, que imagina conversar com um amigo que morreu muito jovem.

“Criei uma mulher que vive sua própria pandemia, não sai mais de casa por causa de uma síndrome do pânico.”

Uma mulher que criou sua própria prisão. Numa noite, ela começa a contar para um amigo já morto o que mudou nas últimas décadas tanto na sua vida quanto no mundo”, detalha Luciana. “Ela explica desde o que são os millenials e o Uber até o quanto ela engordou, envelheceu e se afastou dos amigos”, acrescenta.

Grandes amigos há 15 anos, Victor Garcia Peralta e Luciana Fregolente foram parceiros de trabalho na comédia *“Alucinadas”*, que estreou em 2010 nos palcos e, depois, foi adaptada para um programa no Multishow.

O diretor foi o primeiro a ler *“Na medida do impossível”* e conta que logo se entusiasmou a montar o espetáculo. *“Eu admiro a forma como a Luciana trata um assunto como o pânico com leveza e humor, mas sem tirar a profundidade que o assunto requer. Com a pandemia, ninguém escapou das sequelas emocionais e é preciso falar disso urgentemente”,* comenta Peralta.

SOBRE LUCIANA FREGOLENTE

Luciana Fregolente é roteirista, atriz e criadora do quadro *“Mulheres Fantásticas”* (Prêmio *Le Blanc* de 2020) na TV Globo. Em 2015, foi redatora chefe e roteirista da comédia *“Alucinadas”* no Multishow. Fez parte do núcleo de humor como roteirista da TV Globo de 2014 a 2021. Concorreu ao Emmy Internacional pelo programa *“Zorra”*, em 2016, após sua reformulação. Em 2017, escreveu o filme *“Chocante”*. Luciana é autora das peças de teatro *“Alucinadas”* e *“Na medida do impossível”*. Na TV, entre seus principais trabalhos, protagonizou, em 2002, a série *“Família SA”*, no canal Futura. Também na Rede Globo atuou em *“A Grande Família”*, *“Os Normais”*, *“A Diarista”*, *“Sob nova Direção”*, entre outros. Participou de mais de uma dezena

de novelas – entre elas *“Beleza Pura”*. Em 2010, viveu Dircinha Batista na microssérie *“Dalva e Herivelto”*, da TV Globo. No cinema, destacam-se *“Os Normais”* e *“Nise, O Coração da Loucura”*.

SOBRE VICTOR GARCIA PERALTA

Victor Garcia Peralta é formado no *Piccolo Teatro di Milano*, sob a direção de Giorgio Strehler. Trabalhou em Buenos Aires como ator e diretor em diversos espetáculos. No Brasil, dirigiu o sucesso *“Os homens são de Marte... E é para lá que eu vou!”* (com Mônica Martelli). Também foi responsável pela direção dos espetáculos *“Não sou feliz, mas tenho marido”* (com Zezé Polessa), *“Decadência”* (de Steven Berkoff, com Beth Goulart e Guilherme Leme), *“Alucinadas”* (de Bruno Mazzeo, Elisa Palatnik e Fabio Porchat), *“Um marido ideal”* (de Oscar Wilde), *“Tudo que eu queria dizer”* (de Martha Medeiros), *“Quem tem medo de Virginia Woolf?”* (de Edward Albee), *“A Sala Laranja: no Jardim de infância”* (Victoria Hladilo), *“O garoto da última fila”* (J. Mayorga), entre muitos outros. Na televisão, dirigiu *“Alucinadas”* (Multishow) e *“Gente lesa”* (GNT).

SERVIÇO

Na medida do impossível

1º de julho a 1º de outubro de 2022

Teatro Cândido Mendes – Rua Joana Angélica, 63 – Ipanema / RJ

Telefone: (21) 3149-9018

Sextas e sábados, às 22h

Duração: 55 minutos

Classificação Etária: 14 anos

Ingressos: R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia-entrada)

Vendas na bilheteria e pelo site Sympla

Redes: Instagram: [@medidadoimpossivel](https://www.instagram.com/medidadoimpossivel/)

Facebook: <https://www.facebook.com/medidadoimpossivel/>



Foto: Sérgio Silva / Palabreria

No Teatro Cacilda Becker, SP, GAROTAS MORTAS, de Selva Almada, ganha adaptação inédita pela *Coletiva Palabreria*

A peça, que fricciona as linguagens de teatro e cinema, é inspirada na obra não-ficcional da escritora argentina Selva Almada sobre três feminicídios ocorridos nos anos 80

Três feminicídios impunes ocorridos na Argentina, ao longo da década de 1980, foram o ponto de partida do livro *Garotas Mortas*, de Selva Almada, publicado no Brasil pela editora Todavia. A partir da investigação desses casos, a autora discute diferentes aspectos da misoginia e da violência de gênero. O livro ganha agora uma adaptação para o teatro assinada pela coletiva Palabreria, en-

cabeçada pelas artistas pesquisadoras Fernanda Machado, Luiza Romão e Sofia Boito, e fica em cartaz até dia 24 no Teatro Cacilda Becker, na Lapa, em São Paulo.

Para a encenação do espetáculo, as artistas criaram uma linguagem de teatro-cinema em que palco e tela estão sempre em diálogo, isto é, as projeções são indispen-

sáveis para a cena ao vivo, e a cena ao vivo é indispensável para a projeção. Esse aspecto é acentuado pela ausência de som no vídeo. A sonoplastia é executada ao vivo por Rebeca Canhestro, sob direção de Dani Nega.

Assim como o livro de Selva Almada, o espetáculo é composto por diferentes registros narrativos. Para cada um deles, as artistas criaram uma linguagem audiovisual, passando por filmes analógicos, imagens de arquivo, curta-metragens, entre outras. Os vídeos foram realizados pela Coletiva Palabreria em parceria com diversas/os artistas do audiovisual e contou com a participação de 24 atores e atrizes.

A partir das histórias das três mulheres assassinadas – Maria Luísa, Andrea e Sarita – o espetáculo *Garotas Mortas* articula um pensamento crítico sobre o patriarcado na América Latina. “*Nosso intuito é pensar como essas histórias específicas, contadas pela autora em seu livro, revelam uma violência de gênero estrutural, com dimensões continentais, e que continua matando milhares de mulheres*”, comentam as artistas. O projeto do espetáculo foi contemplado pela 13ª edição do Prêmio Zé Renato da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

SOBRE A AUTORA

Selva Almada nasceu em Entre Ríos, Argentina, em 1973. Vem sendo considerada pelos leitores e pela crítica uma das grandes revelações da literatura latino-americana. Além de *Garotas Mortas* (2018), *Não é um rio* (2021) é outra publicação da autora no Brasil, ambas pela editora Todavia.

SOBRE A PALABRERIA

A Coletiva Palabreria nasce a partir de processos artís-



ticos e práticas pedagógicas encabeçadas pelas artistas pesquisadoras Fernanda Machado, Luiza Romão e Sofia Boito. O encontro inicial se deu por meio do *Projeto Espectáculo*, na Fábrica de Cultura da Brasilândia, onde foram desenvolvidas duas peças de teatro em colaboração com cerca de 40 adolescentes: *Díptico* (2015) e *Ponto de Fuga* (2017).

Em 2018, novamente, estiveram juntas para fazer a performance *Scripta Manent, Verba Volant* sob direção de Luiza Romão, na biblioteca do SESC Avenida Paulista. Desde 2020 a Coletiva oferece atividades formativas sobre feminismos e arte na América Latina, em espaços como o Centro de Pesquisa e Formação do SESC (CPF - SESC SP) e a Oficina Cultural Oswald de Andrade.

SERVIÇO

Garotas Mortas, de Selva Almada

Até 24 de julho

Quinta, sexta e sábado, 21h; domingo, 19h

Grátis | Retirada de ingressos com 1h de antecedência

Teatro Cacilda Becker | R. Tito, 295, Lapa, São Paulo, SP

Telefone: (11) 3864-4513 | Capacidade: 198 lugares

Duração: 80 min | Classificação indicativa: 12 anos

NZINGA no Sesc Pompeia, SP

O espetáculo resgata a história da rainha angolana Nzinga – símbolo da resistência ao colonialismo português – e de seu irmão Ngola Mbandi. A estreia é dia 13

Idealizada por Aysha Nascimento, Bruno Garcia e Flávio Rodrigues, montagem propõe um reencontro do público, sob a perspectiva bantu cíclico-espiralar, com imagens de uma das soberanas mais estudadas no mundo

Foto: Sérgio Fernandes





Nzinga
Foto:
Domínio público

Ao resgatar a relação entre a rainha Nzinga e seu irmão Ngola Mbandi, do Ndongo (parte do atual território de Angola), o espetáculo teatral *Nzinga* propõe um mergulho nos repertórios culturais das matrizes bantu. O trabalho segue em cartaz até 5 de agosto, com apresentações de terça a sexta, às 20h30. Em cena estão Aysha Nascimento e Flávio Rodrigues.

Com dramaturgia de Dione Carlos, a trama parte de um recorte temporal de sete anos, entre 1617 e 1624, desde o momento em que Ngola Mbandi assume o trono após a morte do pai até a coroação de Nzinga como soberana do Ndongo, após o falecimento de seu irmão. A ideia da montagem é debater fragmentos desta narrativa a partir de uma visão afrodiaspórica, negando o pensamento eurocentrado que supõe que a história das populações negro-africanas se inicia com o processo de escravização mercantilista e se encerra com a colonização.

Também conhecida como Njinga a Mbande, Jinga, Ginga, Ana Nzinga, NgolaNzinga, Nzinga de Matamba, Mbande Ana Nzinga e Dona Ana de Sousa, a rainha angolana configura-se enquanto ente-personagem mítica e sócio-histórica que reitera as resistências dos povos africanos e permite aos afrodescendentes acessar e recontar suas próprias histórias, repletas de possibilidades imprevisíveis.

“Essa história viabilizou um mergulho nos repertórios culturais das matrizes bantu, modelos civilizacionais

baseados na ética comunitária e no vitalismo, em uma concepção de existência integrada. O espetáculo traz premissas que podem, creio eu, fortalecer nossos lugares de potência, sobretudo diante do momento atual de tantas mazelas. O espetáculo é uma proposta, e não uma resposta, sobre ser, estar e sentir no mundo”, revela Aysha Nascimento, co-idealizadora do trabalho.

A partir da perspectiva bantu, o espetáculo propõe ao público uma reflexão sobre a ética comunitária, as relações de gênero, a irmandade, as concepções de espaço-tempo, as noções de família, as lógicas de poder e as táticas anticoloniais.

“À medida que fomos estudando as filosofias das matrizes ‘congo-angolanas’, pudemos refletir sobre temas importantes, como família alargada e relações de poder ou gestão do poder sob outro ponto de vista, bem distinto da concepção ocidental. Esperamos que, por meio de outras experiências, a gente possa conceber o mundo e apreender a realidade de outras formas. Por isso, lançamos luz a tais repertórios e referenciais reatualizados a partir da nossa experiência afrodiaspórica”, relata Flávio Rodrigues, co-idealizador do trabalho e ator que divide a cena com Aysha Nascimento.

SERVIÇO

NZINGA

Sesc Pompeia – Sala Experimental

Rua Clélia, 93, Água Branca, São Paulo, SP

De 13 de julho a 5 de agosto de 2022

De 13 a 15/7 – quarta a sexta às 20h30;

de 19/07 a 05/08, terça a sexta às 20h30.

Duração: 60 min | Classificação: 14 anos

Capacidade: 40 lugares

Vendas pelo site sescsp.org.br a partir do dia 5 de julho.



Candido Portinari, *A Morte Cavalgando*, 1955

Foto: Projeto Portinari

PORTINARI RAROS

CCBB Rio apresenta exposição inédita de Candido Portinari, com obras pouco ou nunca vistas, revelando facetas raras de um dos mais reconhecidos artistas brasileiros

Obras originais, raras, como a única cerâmica produzida pelo artista ao longo de toda a sua vida, estudos de dois cenários produzidos para o *“Balé Iara”*, da companhia Original Ballet Russe, e um dos estudos para o painel *“Guerra”*, da ONU, fazem parte da mostra *Portinari Raros*, no CCBB Rio de Janeiro, em exibição até 12 de setembro.

Pinturas e desenhos em diversas técnicas, além de figurinos, também compõem a exposição que apresenta cerca de 50 obras pouco vistas ou nunca antes expostas de Candido Portinari (1903-1962). O conjunto selecionado pelo curador Marcello Dantas destaca a enorme diversidade dos trabalhos deste grande artista múltiplo, que explorou diversas linguagens e se aventurou em inúmeras manifestações artísticas muito além de sua zona de conforto.

“Portinari é o maior pintor da brasilidade, tem um papel chave no modernismo brasileiro e foi um artista bastante multidisciplinar no seu tempo. Encontrou caminhos e linguagens, diversidade de estilos e possibilidades. E apesar de ser uma figura muito conhecida no Brasil, muita gente não tem noção da enorme variedade de linguagens que ele explorou. E é isso que a exposição mostra”, afirma o curador Marcello Dantas.

Portinari Raros ocupa o primeiro andar do CCBB, dividida em sete núcleos temáticos: *“Fauna”*, *“Paisagens acidentais”*, *“Desenhos”*, *“Infância”*, *“Carajá”*, *“Balé”* e *“Flora”*. O conjunto forma um amplo panorama das diversas facetas e linguagens exploradas por Portinari, revelando um artista eclético, pesquisador, capaz de se arriscar em outras formas de criatividade, como figu-

Candido Portinari, *Meninos com Balões*, 1951, óleo sobre tela

Foto: Projeto Portinari





Candido Portinari, *Flora e Fauna Brasileiras*, 1934, painel e óleo sobre madeira

Foto: Projeto Portinari

rino, cenários, ilustrações e novas linguagens, trazendo à tona um Portinari invisível, ousado e pouco conhecido. *“As obras vieram principalmente de coleções privadas, o que significa que várias nunca foram expostas ou estão há muitas décadas em casas de pessoas sem serem vistas pelo público. São trabalhos que circularam relativamente pouco e que vão surpreender muita gente”*, ressalta o curador.

Completa a mostra a instalação digital *Carroussel Raisonné*, que leva o público a uma viagem por todas as 4.932 obras catalogadas de Portinari. Os trabalhos são apresentados em sequência cronológica, em uma projeção com mais de oito horas de duração, mostrando um panorama da enorme diversidade de estilos que é a produção do artista.

OBRAS EM DESTAQUE

Entre os destaques estão as pinturas em óleo sobre tela

“Meninos com Balões” (1951) e *“Jangada e Carcaça”* (1940), assim como o painel em óleo sobre madeira *“Flora e Fauna Brasileiras”* (1934), que tem 1,60m de comprimento, e *“Menino Soltando Pipa”* (1958), a única cerâmica feita por Portinari ao longo de sua vida.

Também se destacam *“Paisagem com Urubus”* (1944), projeto para cenário do *“Balé Iara”*, o primeiro balé brasileiro a entrar no circuito internacional. Com a Segunda Guerra Mundial, o *Original Ballet Russe* passou a excursionar pelas Américas e procurou enriquecer seu repertório incorporando concepções arrojadas e modernistas de importantes artistas locais. Desta forma, o argumento foi encomendado ao poeta Guilherme de Almeida; a música, ao maestro Francisco Mignone e os cenários e figurinos a Portinari. Além do projeto para cenário em óleo sobre cartão, os figurinos também estão na mostra, em uma animação digital.

A obra *"A Morte Cavalgando"* (1955) é outro trabalho que se destaca: trata-se do estudo realizado para o painel *"Guerra"*, instalado na entrada da Assembleia Geral da ONU, em 1956.

"O Cemitério" (1955), em óleo sobre papel, presente na mostra, é a nona ilustração do livro *"A selva"*, de Ferreira de Castro, publicação comemorativa dos 25 anos da primeira edição da obra, ilustrada com doze gravuras de Portinari, executadas na Casa Bertrand.

Outra obra importante é *"Marinha"* (1953), pintura em óleo sobre tela, que brilha por suas cores e luminosidade. Como afirmou Luís Carlos Prestes, *"as cores do Portinari impressionam, são especificamente brasileiras. No Brasil, a luminosidade é muito diferente de qualquer outro lugar. E ele sabia dar essa luminosidade. E a vegetação verde, o mar azul e aquela listra branca, de areia branca. Não conheço outros pintores latino-americanos que tenham feito coisa parecida"*.

Candido Portinari, *Paisagem com Urubus*, 1944, guache sobre cartão

Foto: Projeto Portinari





Candido Portinari, *Marinha*, 1953, óleo sobre tela
Foto: Projeto Portinari

A pintura *“Tempestade”* (1943), em óleo sobre tela, que foi uma encomenda de Assis Chateaubriand, também faz parte da exposição. Ao ver a obra, Chateaubriand quis adquiri-la, mas Portinari explicou que ela já estava reservada para um amigo, prometendo-lhe fazer outra semelhante.



Candido Portinari, *Tempestade*, 1943, óleo sobre tela
Foto: Projeto Portinari

AMBIENTAÇÃO

Mais do que trazer obras raras, a ideia da exposição é mostrar um Portinari que o público não conhece. E toda a ambientação da exposição foi cuidadosamente pensada para que as pessoas mergulhem no universo de Portinari e entendam de forma ampla quem foi este grande artista.

As paredes de duas das salas da mostra contêm desenhos do próprio Portinari, que deram origens às obras que estão expostas naquele ambiente. *“Ao visualizar os desenhos no mesmo espaço é possível entender todo o processo de seu trabalho. As paredes estão todas marcadas com os desenhos que depois vão se transformar em pinturas”*, conta o curador Marcello Dantas.

O núcleo *“Flora”* mostra a série de pinturas que o artista fez sobre flores. Nas paredes estão arranjos de verdade de flores secas, com espécies que inspiraram Portinari a pintar as obras.

SOBRE O CURADOR

Marcello Dantas é curador interdisciplinar com ampla atividade no Brasil e no exterior. Trabalha na fronteira entre a arte e a tecnologia, produzindo exposições, museus e projetos que buscam proporcionar experiências de imersão por meio dos sentidos e da percepção. Nos últimos anos participou da concepção de diversos museus, como o Museu da Língua Portuguesa e a Japan House, em São Paulo; Museu da Natureza, na Serra da Capivara, Piauí; Museu da Cidade de Manaus; Museu da Gente Sergipana, em Aracaju; Museu do Caribe e o Museu do Carnaval, em Barranquilla, Colômbia. Realiz-

zou exposições individuais de alguns dos mais importantes e influentes nomes da arte contemporânea como Ai Weiwei, Anish Kapoor, Bill Viola, Christian Boltanski, Jenny Holzer, Laurie Anderson, Michelangelo Pistoletto, Rebecca Horn e Tunga. Foi também diretor artístico do Pavilhão do Brasil na Expo Shanghai 2010, do Pavilhão do Brasil na Rio+20, da Estação Pelé, em Berlim, na Copa do Mundo de 2006. Atualmente é responsável pela curadoria da próxima edição da Bienal do Mercosul que ocorre em 2022, em Porto Alegre, e é curador do SFER IK Museo em Tulum, México. Formado pela *New York University*, Marcello Dantas é membro do conselho de várias instituições internacionais e mentor de artes visuais do *Art Institute of Chicago*.

SOBRE O PROJETO PORTINARI

Fundado dentro da área científica da PUC – Rio, o *Projeto Portinari* tem como objetivo, além do resgate abrangente e minucioso da vida e da obra de Candido Portinari, gravar a obra do artista na busca da nossa identidade cultural e consolidação da nossa memória nacional. Outra meta é mobilizar a grande mensagem pictórica, ética e humanista de Portinari na promoção de valores mais atuais do que nunca, como a não violência, a justiça social, fraternidade entre os povos e o respeito à dignidade da vida. O projeto tem ainda uma ampla e importante contribuição sociocultural, buscando uma melhor compreensão do processo histórico-cultural brasileiro.

Através de um intenso trabalho de pesquisa, organização e digitalização de imagens, o projeto já catalogou mais de

5.300 pinturas, desenhos e gravuras; mais de 25 mil documentos sobre a obra e vida do artista; mais de 6 mil cartas, além de fotografias, filmes, recortes; mais de 10 mil publicações; mais de 70 depoimentos, totalizando 130 horas gravadas, de artistas, intelectuais e personalidades de seu tempo; realizou pesquisa de autenticidade das obras (Projeto Pincelada), além da publicação do Catálogo Raisoné *“Candido Portinari – Obra Completa”*, primeira publicação dessa natureza na América Latina.

SERVIÇO

Portinari Raros

Até 12 de setembro de 2022

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro, Rio de Janeiro / RJ

Telefone: (21) 3808.2020

Funcionamento: Segunda, quarta e sábado, das 9h às 21h;

Domingo, das 9h às 20h; Fechado às terças-feiras.

Classificação indicativa: livre

Entrada franca, com ingressos disponibilizados na bilheteria do CCBB RJ ou pelo site Eventim: bit.ly/ccbbreventim



Candido Portinari,
*Menino Soltando
Pipa*, 1958,
óleo sobre cerâmica
Foto: Projeto Portinari

MARQUÊS DE RISCAL

Vinhos, vinoterapia e gastronomia
num “castelo” do século XXI



Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Ícone de ousadia e criatividade arquitetônica assinado por Frank Gehry, o hotel Marqués de Riscal, membro do Luxury Collection e do Grupo Starwood, se ergue soberano em meio ao grand décor dos vinhedos da região de Rioja Alavesa, Espanha. Também conhecida como a Cidade do Vinho, é de lá que saem os rótulos mais consagrados do país. Além do conforto das acomodações, do charme dos ambientes e da boa gastronomia, os hóspedes ainda podem desfrutar do Spa Caudalie, onde tratamentos inovadores à base da própria uva in natura – a Vinoterapia – garantem uma experiência memorável

Embora faltassem ainda uns dois quilômetros para chegarmos ao Hotel Marqués de Riscal, já dava para avistar de longe as suas formas arrojadas e reluzentes que se destacam na paisagem acolchoada por vinhedos. A cada curva da *Ruta de Vinos*, e na medida em que íamos nos aproximando do pequeno vilarejo medieval de Elciego, este ícone arquitetônico deslumbrante se desprendia cada vez mais, tingindo o cenário bucólico com as suas cores rosada, prateada e dourada. Na mesma imagem, a cadeia de montanhas Cantábria e a torre da Catedral compunham o *grand décor*.

Estamos em pleno vale do Rioja, uma pequena região situada ao nordeste da Espanha, a pouco mais de uma hora de carro de Bilbao. Repleta de vilarejos agrícolas de cujos vinhedos saem as melhores safras do país, dezenas de *bodegas* (vinícolas) desfilam aos olhos de quem se embrenha pelas estradinhas sinuosas entre Elciego, Samaniego e Laguardia. Na maioria delas, é possível fazer uma parada para degustação e comprar seus produtos. Encravada no meio desta região, com um *terroir* de 200 hectares e uma produção anual de 4 milhões de garrafas, se encontra a vinícola pioneira de





Rioja, a venerável *Vinos de Los Herederos del Marqués de Riscal*, também conhecida como a *Cidade do Vinho*. Foi daí que surgiu a ideia de implantar, neste exato lugar, um dos projetos arquitetônicos com os traços mais ousados e criativos do século XXI, devidamente assinado por Frank Gehry: o hotel Marqués de Riscal.

Contam que, inicialmente, o famoso arquiteto canadense relutou um pouco em implantar seu estilo *avant-garde* e pouco ortodoxo num vale onde só existiam construções seculares. Tanto é que esboçou vários projetos (que estão, aliás, pendurados na parede no salão de entrada da Bodega) antes de conceber o que ele consideraria apropriado para ficar em harmonia com um quadro tão tradicional quanto o da região do Rioja. E quem quiser dar uma interpretação à sua concepção final vai reparar que as cores das abas metálicas reluzentes que compõem o telhado têm um sentido: o rosado é a cor do vinho, a prata a cor da cápsula e o dourado é aquela malha característica que “veste” a garrafa do rótulo mais famoso, o *Marqués de Riscal*.

Estas mesmas cores também fazem alusão aos produtos brancos e rosé. O formato das abas, com curvaturas e ondulações, reflete os movimentos dos galhos das parreiras; e, para finalizar, a base de concreto com três pilares, que sustenta a edificação, nada mais é do que uma imagem figurada de uma cepa de uva tempranillo, a mais cultivada em toda a região. Se para alguns esta visão pode parecer rebuscada demais, para outros tudo isso prova que a imaginação e criatividade de Gehry não conhecem limites.

É importante salientar que, inicialmente, o projeto da *Bodega de los Herederos del Marqués de Riscal* foi concebido para ser apenas a sede dos associados e amigos. Só que ao se transformar em hotel de luxo, precisou aumentar o número de acomodações. Além das 14 suítes que se encontram na edificação original, outras 29 – muito mais amplas – foram desenhadas por Gehry e erguidas numa ala separada. Ambas as construções são interligadas por uma passarela coberta, que também leva a um subsolo onde foi implantado o *Spa Caudalie* – que merece um capítulo à parte.

Emoldurado por vinhedos, ou seja, ao lado da matéria-prima utilizada em seus tratamentos e produtos, o *Spa Caudalie* não podia ter escolhido um local mais condizente para propagar a sua filosofia. “Descobriram que a uva possui propriedades antioxidantes e anticancerígenas,” explica a gerente Laureline Savoye. “Em alguns casos, para se transformar em cosméticos, o fruto passa por uma manipulação em laboratório. Mas aqui no Spa muitos tratamentos são feitos com a uva in natura. Como a esfoliação com sementes de uva, açúcar mascavo, azeite e mel, que é espalhada pelo corpo inteiro.” (vide BOX) A Vinoterapia, como é conhecida esta marca criada em Bordeaux há mais de uma década, virou ícone de tratamento diferenciado, e abriu templos na Itália, França e Estados Unidos.



A inauguração do hotel, em outubro de 2006, contou com a presença de nada menos do que Sua Majestade Don Juan Carlos, Rei da Espanha. Para homenagear o tão ilustre visitante, o levaram até a “*Catedral*”, um subsolo escavado na rocha onde são conservadas, com zelo rigoroso, cerca de 170 mil garrafas oriundas de todas as safras já produzidas pela Bodega. Algumas datam de 1860, nada ali está à venda e apenas em raras ocasiões são degustadas. Naquele santuário, que mais parece um cenário de um dos contos do célebre Edgar Allen Poe, abriram

para o Rei duas garrafas da reserva de 1938 – que estavam, diga-se de passagem, em excelente condição.

Dizem, aliás, que foi um copo da safra de 1867 que acabou por convencer Gehry, um amante confesso do néctar dos deuses, a desenhar o projeto da *Cidade do Vinho* para a Bodega. Mas isso são apenas rumores. A verdade é que as ondulações reluzentes do Marqués de Riscal ainda vão dar muito que assuntar, tanto no ramo hoteleiro quanto da arquitetura.



Em sentido horário: a “*Catedral*”; vista panorâmica da passarela sobre Elciego; praça principal da Bodega

NA PELE DE UMA CLEÓPATRA

Usando apenas um *cache-sexe*, estou deitada de bruços numa cama de massagem, no aconchego da salinha íntima iluminada por uma luz suave. Aguardo a minha massagista. Enya, com a sua voz melodiosa, envolve o pequeno ambiente. Não é à toa que, antes mesmo de começar o tratamento, já me sinto relaxada. Uma leve batidinha e entra Nathalie, com uma tigela funda numa das mãos. Dentro dela, reluz uma textura inusitada. *“Isto aqui é azeite de oliva, mel, açúcar mascavo e o que está soltinho são sementes de uvas”*, explica a terapeuta do *Spa Caudalie*. Sorridente, ela acrescenta que vai espalhar esta poção em todo o corpo para fazer uma esfoliação, ou seja, uma espécie de purificação da pele; para isso precisa fazer com que a mistura penetre em cada poro. Delicadamente, ela vai espalhando o líquido leve e pausadamente, até que meu corpo fique untado dos dedinhos dos pés ao pescoço, frente e verso. O líquido é morno e envolvente. Impossível não deixar a mente flutuar enquanto a pele vai absorvendo prazerosamente, centímetro por centímetro, a energia que desponta de cada ingrediente tão sabiamente misturados. São momentos excepcionais que geram uma sensação de bem-estar das mais agradáveis. Em determinado estágio – já em “alpha”, certamente! – me senti como Cleópatra, para quem a pele merecia todos os mimos que a Mãe Natureza pudesse oferecer.

SERVIÇO

COMO CHEGAR

Do aeroporto de Bilbao são cerca de 145 quilômetros pela A-68 em direção a Logrono. Pegar a saída 10 e seguir as placas para Elciego.

Hotel Marqués de Riscal

www.marquesderiscal.com | Tel.: 00xx34 945-180888

reservations.marquesderiscal@luxurycollection.com

www.theluxurycollection.com/marquesderiscal

Ao chegar, o cliente pode escolher em que ala prefere ficar.

ONDE COMER

Restaurante Gastronômico do Marqués de Riscal

Abre para almoço e jantar de terça a domingo. Mesmo sendo hóspede, é bom reservar, pois ele também é aberto ao público. Não deixe de experimentar o *Menu Surprise*, que conta com seis pratos e uma sobremesa. O cardápio foi criado especialmente para o hotel pelo *chef* Francis Paniego, do Echaurren. Hoje a cozinha está sob os auspícios de *chef* José Ramon Piñero, campeão de cozinheiros do Rioja de 2004.

Mayord de Migueloa

Laguardia | Tel.: 00xx34 -945621175

bodega@maoyordemigueloa.com | www.mayordemigueloa.com

Num casarão de 1619, em uma das ruelas estreitas do vilarejo, podem ser degustadas verdadeiras iguarias regionais.

Echaurren

Ezcaray – info@echaurren.com

Tendo à frente o talentoso *chef* Francis Paniego, cuja cozinha inovadora lhe rendeu uma estrela Michelin, este pequeno restaurante virou atração na pequena cidade de Ezcaray, a 21 quilômetros de Elciego. Vale o *détour*.

SPA CAUDALIE

www.caudalie.com | reservas@caudalie.com

info-spain@caudalie.com | Tel.: 00xx34-945-180870

O spa abre diariamente às 10 e fecha em torno das 21hs.

Um dos tratamentos mais procurados é a *Formula Descobrimento / “Discovery Package”*, que inclui um banho de imersão em vinho tinto; untar o corpo com mel e vinho; massagem relaxante e uma massagem facial.



Rio Jaú, Estado do Amazonas, Brasil, 2019 © Sebastião Salgado

SEBASTIÃO SALGADO – AMAZÔNIA

Exposição que já impactou o público em Paris, Londres, Roma e São Paulo, chega dia 19 ao Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro

Idealizada e montada por Lélia Wanick Salgado, que assina a curadoria, a mostra imersiva ocupa o museu na Zona Portuária, até final de janeiro

Durante pouco mais de seis meses, até 29 de janeiro de 2023, o público poderá conferir 194 fotografias de tirar o fôlego. Há a grandiosa, deslumbrante, às vezes esmagadora visão da floresta, dos rios, de nuvens e montanhas. Há a beleza e a força dos povos indígenas no seu cotidiano e nas festas, com artefatos, espaços de convivência, expressões de uma miríade de civilizações integradas ao meio. E há o recorte de árvores, animais, margens, várzeas, clareiras. Na imensidão e no detalhe, no poderoso encadeamento da vida mineral, vegetal e animal, ressoa a frase de Sebastião Salgado: *“Não são paisagens. É o bioma”*. É o todo.

A mostra Amazônia é o resultado da imersão, por sete anos, de Sebastião e Lélia Wanick Salgado, na região que cobre o Norte do Brasil e se estende a mais oito países sul-americanos, ocupando um terço do continente; e 60% da Amazônia estão no Brasil. A maior floresta tropical do planeta, traduzida pelas lentes e pela cenografia dos Salgado, transforma-se aqui em convite à informação, à reflexão e à ação em defesa do ecossistema imprescindível à vida no planeta. *“Ao projetar ‘Amazônia’, quis criar um ambiente em que o visitante se sentisse dentro da floresta, se integrasse com sua exuberante vegetação e com o cotidiano das populações locais”*, comenta Lélia.

Tomadas por ar, por terra e água, as imagens distribuídas em núcleos temáticos revelam o refinamento e a engenhosidade dos povos da região, alguns pouquíssimo contactados – em 1500 eram cinco milhões de

indivíduos e hoje estão reduzidos a menos de 400 mil. *“Na Amazônia inteira, a sofisticação cultural [dos povos] é colossal”*, diz Salgado, que registrou 12 etnias (das quase 200 remanescentes) para essa mostra.

A voz das comunidades ameríndias, aliás, pode ser efetivamente ouvida em sete vídeos que apresentam testemunhos de lideranças indígenas, sem intermediários. São relatos impactantes sobre a importância da terra, dos rios, da floresta amazônica e dos graves problemas que ameaçam, inclusive, a sobrevivência de indivíduos e de etnias. *“Esta exposição tem o objetivo de alimentar o debate sobre o futuro da floresta amazônica. É algo que deve ser feito com a participação de todos no planeta, junto com as organizações indígenas”*, defende Sebastião Salgado.

*“Não são
paisagens.
É o bioma”*

Sebastião Salgado



Indígena Asháninka, Estado do Acre, Brasil, 2016 © Sebastião Salgado

No espaço expositivo, o ambiente sonoro embala a visão das fotografias com a trilha sonora original do francês Jean-Michel Jarre, elaborada a pedido dos Salgado, a partir dos sons da floresta.

A exposição apresenta ainda dois espaços com projeções de fotografias. Uma delas mostra paisagens florestais acompanhadas pelo poema sinfônico *Erosão – Origem do Rio Amazonas*, de Heitor Villa-Lobos (1887-1959); a outra traz uma sequência de retratos de índios, sonorizada por uma peça de Rodolfo Stroeter especialmente composta.

Estas imagens são o testemunho do que ainda existe e o alerta sobre a terrível possibilidade do desaparecimento da vida e da natureza. Para superar o extermínio e a destruição, a informação, a participação e o engajamento é dever de todos, no planeta inteiro.

Ricardo Piquet, Diretor-Presidente do Museu do Amanhã, ressalta que a instituição está em sintonia com o tema: *"Em 2022, o Museu do Amanhã dá protagonismo à Amazônia"*

por meio de programações diversificadas que vão de exposições a debates. Nós temos o propósito de contribuir para a conscientização da importância da conservação do bioma e do patrimônio imaterial da região. É uma honra poder levar ao nosso público essa mostra imperdível de Sebastião Salgado, que abriu uma caminhada global de proteção aos povos indígenas da Amazônia. É impressionante poder conferir o olhar dele, que nos traz uma visão riquíssima e pouco conhecida da floresta e dos seus povos”.

INSTITUTO TERRA

Ao final da exposição, o visitante conhece o *Instituto Terra* no espaço dedicado ao trabalho de Lélia e Sebastião Salgado, iniciado em 1998 e que empreendeu o reflorestamento de cerca de 600 hectares de Mata Atlântica em Aimorés (MG), plantando milhões de mudas de árvores em extinção.

Além de replantar e recuperar a área – a terra, a vegetação, as importantíssimas nascentes que asseguram a continuidade da vida –, o Instituto forma mão-de-obra especializada, capacitando jovens ecologistas para proteger e conservar a biodiversidade da região. E, claro, replicar o projeto Brasil afora. Atualmente, o projeto tem como meta plantar um milhão de árvores até 2028.

AMAZÔNIA EM CONCERTO

Paralelamente à exposição, vêm acontecendo, em todas as cidades, concertos com um programa de absoluta afinidade com a mostra: *Águas da Amazônia*, de Philip Glass, composta em 1998; de Villa-Lobos, *Prelú-*

dio das Bachianas Brasileiras n° 4 e, na segunda parte, *Floresta do Amazonas*, composta em 1958, que tem a *Melodia Sentimental* fechando a primeira Suíte da obra.

O concerto carioca, marcado para o dia 23 de julho no Teatro Municipal, será regido pela maestrina Simone Menezes, com a Orquestra Jovem do Estado de São Paulo, grupo ligado à EMESP Tom Jobim (gerida pela organização social Santa Marcelina Cultura) e a soprano Camila Titinger.



Maestrina Simone Menezes
Foto: Clement Magnin / Wikipédia



Soprano Camila Titinger
Foto: Keiny Andrade / Arte Matriz

Ao longo da suíte sinfônica são projetadas em tela gigante uma seleção de fotografias de Sebastião Salgado, numa verdadeira colaboração artística. “*Parece que a música foi feita para as imagens, ou as imagens pra a música*”, diz o fotógrafo.

SERVIÇO

Sebastião Salgado – Amazônia

De 19 de julho de 2022 a 29 de janeiro de 2023
Museu do Amanhã – Praça Mauá, 1 – Centro, RJ
Terça a domingo, das 10h às 18h | Livre
Ingressos: inteira: R\$ 30; meia-entrada: R\$ 15.
Às terças-feiras a entrada no Museu do Amanhã é gratuita.

“NAKOADA: ESTRATÉGIAS PARA A ARTE MODERNA”

A partir do dia 9, no MAM Rio, mostra dialoga com o centenário da Semana de Arte Moderna para propor caminhos para o futuro



Cícero Dias, *Pátria, sangue e nada mais*, 1928. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio

Foto: Divulgação

Exposição reúne obras modernistas das coleções do MAM Rio, cerâmicas do acervo do Museu do Índio e trabalhos comissionados de Cinthia Marcelle, Mahku (Movimento dos Artistas HuniKuín), Novíssimo Edgar e Zahy Guajajara, além de um trabalho de Jaider Esbell (1979-2021). Com curadoria de Denilson Baniwa e Beatriz Lemos, a mostra busca acrescentar novas camadas às discussões geradas pelo centenário da Semana de 22

"Nakoada" é uma estratégia de guerra do povo Baniwada, região do Alto Rio Negro, para elaborar novas possibilidades de permanência no mundo. O conceito orienta a curadoria da exposição e resume a tática de mergulhar na compreensão de aspectos de outra cultura para a garantia da própria sobrevivência. Se originalmente esta prática era usada pelos Baniwa para lidar com outros povos originários, hoje é repensada para a relação com culturas não-indígenas.

"Nakoada é um gesto de retorno. Seria o momento em que as pessoas que foram alvos de ações externas entendem o poder opressor do outro e agora procuram uma possibilidade de retornar a sua própria autonomia", explica Denilson Baniwa, um dos mais proeminentes artistas da arte indígena contemporânea.

Beatriz Lemos, curadora adjunta do MAM Rio, explica que nakoada não é um tema para a exposição, e sim uma forma de agir: "É uma maneira de pensar que se afasta da lógica ocidental imperialista, que incorpora e instrumentaliza as referências dos outros povos. A ideia é entender o modernismo ainda como um marco e es-

tudá-lo, para pensar o que vem pela frente, como podemos imaginar os próximos 100 anos".

De acordo com a curadoria, mais do que propor uma revisão crítica do modernismo -- o que já vem sendo feito de maneira elaborada, inclusive por artistas indígenas -- a exposição pretende mostrar pontos de par-



Emiliano Di Cavalcanti, *Mulata com leque*. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio

Foto: Divulgação

tida alternativas para refletir sobre o que poderia ser uma produção artística que se engaja com alguns dos ideais modernos, mas escapa de suas armadilhas.

Na exposição, a silhueta de uma cobra serpenteia por todo o Salão Monumental do MAM Rio. *"A expografia toma a forma de uma serpente cósmica que não tem começo nem fim. Essa simbologia é recorrente na cosmologia baniwa e em diversas culturas ocidentais e orientais, do norte e do sul"*, observa Denilson Baniwa. *"Ela digere a nossa história e carrega, dentro de seu bojo, esse tempo expandido desde antes da colonização."*

De acordo com Pablo Lafuente, co-diretor artístico do MAM Rio, *"Nakoada continua o trabalho que o museu vem fazendo em repensar memória e patrimônio em função de perspectivas e saberes outros, que nos ajudam a atualizar a história e fazer a cultura do passado*



Djanira, *Cafezal*, 1952. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio
Foto: Divulgação



Anita Malfatti, *Índia*, 1917. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio
Foto: Divulgação

relevante no presente". "A exposição nos provoca a pensar, a olhar de novo as obras e artistas que pensamos que conhecemos. Rearticulando essas narrativas e linguagens, e apresentando-as em outras configurações em conexão com criações indígenas e com obras de arte contemporânea, Nakoada as expande e as ativa como ferramentas para outras histórias e outras construções."

OBRAS E ARTISTAS

A exposição conta com trabalhos de quatro artistas contemporâneos convidados a criar especialmente para a ocasião: Cinthia Marcelle, Mahku, Novíssimo Edgar e Zahy Guajajara. Obras fundamentais de expoentes do modernismo brasileiro, como Alberto Guignard, Alfredo Volpi, Anita Malfatti, Candido Portinari, Djanira, Di Cavalcanti, Ismael Nery, José Pancetti, Oswaldo Goeldi e Tarsila do Amaral, entre outros, também estão presentes.



Cinthia Marcelle
Foto: Rodrigo Franco



Mahku
Foto: Daniel Dinato



Novíssimo Edgar
Foto: Cassia Tabatini



Zahy Guajajara
Foto: Ivan Pacheco

Completam a mostra uma pintura do artista Jaider Esbell (1979-2021), cerâmicas do acervo do Museu do Índio – potes e vasos dos povos Karajá, Marubo, Maku, Terena e Ticuna, bonecas Karajá e um conjunto de placas com grafemas Baniwa.

OBRAS E ARTISTAS COMISSIONADOS

Cinthia Marcelle | Meditação da ferida ou a escola das facas – versão Nakoada

A artista mineira exhibe a obra composta por 25 caixas, assemelhadas a faqueiros, distribuídas pela exposição. As maletas trazem em seu interior apenas a silhueta das facas. Um jogo entre ausência e presença é estabelecido, como se as armas fossem personagens que tivessem se retirado de seu suporte.

Mahku | Kapewë Pukenibu

O grupo que reúne artistas HuniKuín, povo originário do Acre, veio ao Rio de Janeiro para trabalhar em uma pintura de grande escala, numa tela de 12 metros. Nela, está representado o jacaré que, como a cobra, é um mito de fundação de mundos. Ao funcionar como uma espécie de portal para se chegar nas outras pinturas da exposição, a tela propõe reorientações em torno da leitura das telas de paisagem moderna, tratando de se relacionar com a impossibilidade de domesticação da natureza.

Novíssimo Edgar | Sobre os vínculos invisíveis

No trabalho do poeta, artista visual e *performer* paulista, feito especialmente para Nakoada, linhas são

interligadas por sete máquinas de costura, formando uma grande teia. As tesouras suspensas podem ser aproximadas aos recomeços e à iminência dos cortes. A instalação oferece uma reflexão sobre o que resta dos vínculos afetivos quando as relações chegam ao fim. Com ativações performativas realizadas ao longo da duração da exposição, a obra nos convida a pensar sobre as maneiras como as pessoas permanecem umas nas outras após as rupturas.

Zahy Guajajara | Vídeoinstalação

Nascida na aldeia Colônia, na Reserva Indígena Cana Brava, no Maranhão, a artista audiovisual e atriz traz à exposição uma videoinstalação criada a partir de experimentações de um futurismo indígena. Lançando mão da fonética do povo guajajara, ela se propõe a refletir sobre a cultura indígena após o contato com o colonizador, com suas contradições, presenças e ausências. A ação nakoada está presente aqui na apropriação da linguagem tecnológica como suporte para a sobrevivência das tradições dos povos originários.

SERVIÇO

Nakoada: estratégias para a arte moderna

De 9 de julho de 2022 a 29 de janeiro de 2023

MAM Rio – Av. Infante Dom Henrique, 85

Aterro do Flamengo - Rio de Janeiro / RJ

Tel: (21) 3883-5600

<https://www.mam.rio/> | Instagram: [@mam.rio](https://www.instagram.com/mam.rio)

Horários:

Quintas e sextas, das 13h às 18h

Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h

Ingressos on-line: www.mam.rio/ingressos

MASP APRESENTA

SALA DE VÍDEO: MELANIE SMITH



Melanie Smith, *still Fordlândia*, 2014

Obra “Fordlândia” exhibe fragmentos do distrito homônimo para além da proposta criada por Henry Ford em 1927

Com curadoria de Leandro Muniz, assistente curatorial do MASP, a mostra exhibe *Fordlândia* (2014), um vídeo com fragmentos da paisagem industrial e natural do distrito homônimo localizado às margens do

rio Tapajós, no Pará. A exposição compõe a programação da Sala de vídeo do MASP, que propõe o aprofundamento em produções audiovisuais no âmbito da produção artística.

A obra *Fordlândia* mostra a interação entre a natureza e a arquitetura da cidade e suas formas de

vida que surgiram ao longo do tempo. Fordlândia foi concebida em 1927 por Henry Ford (1863-1947), pioneiro da indústria automobilística, como uma fábrica de extração de látex de seringueiras. As normas de trabalho eram rígidas, com supervisão de capatazes e horários de entrada e saída controlados por relógios e sirenes, além de uma alimentação diária baseada nos padrões americanos, como hambúrgueres. Tais formas de controle levaram a uma revolta, em 1930, que foi duramente reprimida pelo exército.



Melanie Smith, *still Fordlândia*, 2014



Melanie Smith,
still Fordlândia, 2014

Nos anos 1940, as seringueiras, plantadas muito próximas umas das outras, foram atacadas por pragas. De qualquer forma, já era possível fabricar látex sintético de maneira mais rentável, levando ao fechamento da fábrica em 1945. Os trabalhadores continuaram no distrito, onde passaram a desenvolver a agricultura e a pecuária.

No filme, Melanie Smith retrata o cotidiano dos habitantes de Fordlândia através de associações livres e não sincronizadas entre imagens e sons, com montagem de cenas feitas por meio das relações de formas, texturas e cores, criando uma narrativa não linear. Para o curador Leandro Muniz, o vídeo, *“longe de ser uma denúncia dos absurdos da modernização, mostra os modos de sociabilidade surgidos na cidade, para além das tentativas de controle de seu criador no início do século XX”*.

SOBRE MELANIE SMITH

Melanie Smith nasceu em Poole, Inglaterra, em 1965. Ela vive e trabalha entre a Cidade do México e Londres. Suas obras, em suportes distintos, refletem sobre a pintura na história da arte e sua relação com a imagem em movimento. Seus primeiros trabalhos ilustram as características comportamentais de multidões inseridas no ambiente urbano, enquanto os mais recentes estendem-se ao estudo dos processos de modernização da América Latina. A artista se interessa pela montagem

fragmentada, criando experiências fílmicas e performativas que muitas vezes aludem à produção de bastidores. A artista participou da 54ª Bienal de Veneza, representando o México, em 2011. Entre suas exposições individuais, estão: *Melanie Smith: Farce and Artifice*, MACBA – Museu d’Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Espanha, 2018; *Fordlândia*, LULU, Cidade do México, México, 2015; *Melanie Smith, Maps, mudand mundo(s)*, Galería Proyecto Paralelo, Cidade do México, México, 2015; e *Melanie Smith. Crocodiles and Elevators*, CCA Contemporary Art Centre, Vilnius, Lituânia, 2014. Seu trabalho integra instituições como o Museu de Amparo em Puebla, México; Museu de Arte Contemporânea, León, Espanha; The Museum of Modern Art, Nova York, Estados Unidos; e Tate Modern, Londres, Inglaterra.

SERVIÇO

SALA DE VÍDEO: MELANIE SMITH

1º de julho a 14 de agosto – Curadoria de Leandro Muniz
MASP — 2º Subsolo Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, SP
Telefone: (11) 3149-5959

Horários: terça grátis Qualicorp, das 10h às 20h
(entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h
(entrada até as 17h); fechado às segundas.

Entrada gratuita em todas as primeiras quartas-feiras do mês.

Agendamento on-line obrigatório pelo link masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 50 (entrada); R\$ 25 (meia-entrada)

www.masp.org.br

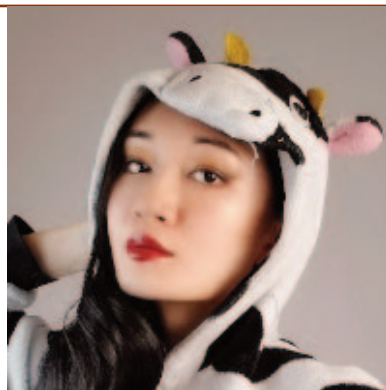
De 2 a 10 de julho, 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo tem 100% dos espaços ocupados

– “*TODO MUNDO SAI MELHOR DO QUE ENTROU*”

O evento acontece no Expo Center Norte e espera receber mais de 600 mil visitantes. Portugal, país convidado de honra na edição de 2022, vem com uma comitiva com 23 autores e chefs e ocupará um estande de 500m²

Foto: Divulgação





Da esquerda para a direita: Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Xiran Jay Zhao e Valter Hugo Mãe

Fotos: Divulgação

“O mundo mudou nos últimos anos em vários aspectos e nós também mudamos, buscando melhorar ainda mais o nosso evento. Uma das novidades é que estamos de casa nova: em 2022 vamos receber o público no Expo Center Norte, que permitirá oferecer a todos uma experiência com uma infraestrutura que garante mais conforto e segurança na circulação dos visitantes”, diz o presidente da CBL – Câmara Brasileira do Livro, realizadora do evento, Vitor Tavares. No total, serão 65 mil m² de área total.

O conceito criativo deste ano destaca o poder transformador do livro. Com a assinatura *“Todo mundo sai melhor do que entrou”*, a campanha ratifica a missão da CBL como instituição do setor editorial. Afinal, a leitura tem a capacidade de transformar as pessoas, seja pelo conhecimento adquirido ou pela emoção que transmite. Nenhum leitor é o mesmo quando acaba de ler um bom livro.

Com 100% dos espaços ocupados e 182 expositores confirmados, que ocuparão os Pavilhões Branco, Verde, Vermelho e Azul do Expo Center Norte, recebendo selos editoriais de todos os gêneros, a programação

conta com a parceria cultural do Sesc São Paulo em parte da curadoria do Salão de Ideias e nos BiblioSescs Praça de Histórias e Praça da Palavra, além da cerimônia de abertura. Serão 1.500 horas de programação cultural e nove espaços oficiais do evento com atividades relacionadas ao universo literário. *“Estarão à disposição do público aproximadamente três milhões de livros”,* diz Vitor Tavares.

Durante os nove dias de Bienal do Livro, os visitantes poderão ter contato com autores, em encontros e palestras exclusivas. Na programação já estão confirmados mais de 300 nacionais e 30 internacionais. Entre os autores estrangeiros, estão os portugueses Valter Hugo Mãe e Afonso Cruz; a moçambicana Paulina Chiziane e o angolano Kalaf Epalanga, que fazem parte da comitiva portuguesa; além de Jenna Evans Welch, do best-seller *“Amor&Gelato”*; Nathan Harris, cujo *“A doçura da água”* foi elogiado por Oprah e Barack Obama; e Elena Armas, que virou sensação do TikTok com *“Uma farsa de amor na Espanha”*. Presença confirmada também de Xiran Jay Zhao, autor sino-canadense de ficção científica, personalidade da internet e cosplayer.

Entre os brasileiros, estão confirmadas as presenças de Laurentino Gomes, Mario Sergio Cortella, Mauricio de Sousa, Miriam Leitão, Itamar Vieira Jr., Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Thalita Rebouças, entre outros.

“É Urgente Viver Encantado”

valter hugo mãe

CONVIDADO DE HONRA

Portugal tem uma ligação singular com o Brasil, por conta da língua, da cultura, do relacionamento econômico e da dimensão da comunidade portuguesa aqui residente, bem como da crescente comunidade brasileira residente em Portugal. Como convidado de honra em 2022, Portugal está preparando uma participação especial para o evento com um estande de 500m², que inclui auditório, livraria, espaço infanto juvenil e uma zona multiusos, onde serão apresentadas exposições com conteúdos diversificados.

Portugal escolheu como mote para a sua participação a frase “É Urgente Viver Encantado”, de Valter Hugo Mãe, um dos escritores portugueses mais conhecidos

no Brasil e autor de obras premiadas. A comitiva contará com a presença de 21 autores, incluindo escritores de Países Africanos de Língua Portuguesa e de Timor-Leste. A eles juntam-se dois renomados *chefs*, Vitor Sobral e André Magalhães.

“A participação portuguesa na Bienal Internacional do Livro de São Paulo será um dos pontos mais relevantes da associação de Portugal às comemorações dos 200 anos da independência do Brasil. Olhar para o passado para entender o presente e projetar o futuro que queremos, é uma tarefa onde a literatura representa um papel de primeira grandeza. Por isso é tão importante aqui no Brasil, este país almirante da Língua Portuguesa, homenagearmos, como fez José Saramago quando recebeu o Prêmio Nobel da Literatura em 1998, todos os escritores, os portugueses e os que escrevem em português, os de ontem e os de hoje”, diz Luís Faro Ramos, Embaixador de Portugal no Brasil.

SERVIÇO

26ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

2 a 10 de Julho – Expo Center Norte

Rua José Bernardo Pinto, 333, Vila Guilherme, São Paulo / SP

Ingressos – Compras pelo site: <http://www.bienaldolivrosp.com.br>

2ª feira a Domingo: R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia entrada)

Meia-entrada: Estudantes | Menores de 12 anos e maiores

de 60 anos não pagam ingresso | A Credencial Plena do Sesc dá

gratuidade no ingresso. (Informe-se sobre as condições)

Mais informações sobre a programação:

www.bienaldolivrosp.com.br

Instagram: <https://www.instagram.com/bienaldolivrosp/>

Facebook: <https://www.facebook.com/Bienaldolivrosp>

Twitter: <https://twitter.com/bienaldolivrosp>



Rubem Valentim, *Sem título*, 1962

Foto: Divulgação

“SAGRADA GEOMETRIA”

Rubem Valentim

(1922-1991)

em livro e exposição

na Pinakothèque

São Paulo

Homenagem dupla para celebrar o centenário do artista que fez do sagrado sua vida e obra, ambas no dia 2, na Pinakothèque SP: lançamento de publicação bilíngue, com 292 páginas, e inauguração de mostra com aproximadamente 100 trabalhos do artista, em pinturas e desenhos, e ainda “objetos”, com pintura sobre madeira

O livro *“Rubem Valentim (1922-1991) – Sagrada Geometria”* (Edições Pinakothèque), tem apresentação de Max Perlingeiro, texto de Bené Fonteles – amigo mais próximo do artista, que o acompanhou por duas décadas – e depoimentos sobre o artista e sua obra escritos por personalidades da arte como Ferreira Gullar, Giulio Carlo Argan, Theon Spanudis, Roberto Pontual, Clarival do Prado Valladares e Emanuel Araújo.

A exposição homônima destaca cerca de 100 obras de Valentin, além de um ensaio fotográfico de Christian Cravo do *“Templo de Oxalá”*, conjunto com 20 esculturas e 10 relevos criado em 1974 por Rubem Valentim, pertencente ao Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador.

SIMBOLOGIA MÁGICA

TRADIÇÕES POPULARES DOS NEGROS DA BAHIA

Nascido em Salvador, em 9 de novembro de 1922, e falecido em São Paulo, em 30 de janeiro de 1991, *“Valentim queria essa conexão sagrada em complementação com a estética”*, escreve Max Perlingeiro no texto *“Um artista sacerdote”*, na apresentação do livro, onde afirma que *“Rubem Valentim é um artista essencial para uma melhor compreensão da tradição afro-brasileira”*. No texto, Perlingeiro refere-se a Bené Fonteles como o principal estudioso e interlocutor de Valentim, por sua conexão espiritual. *“A pedido do artista, Bené torna-se o Ogã (palavra que vem do iorubá e significa ‘Senhor da minha casa’) do terreiro de Valentim. Aquele que cuida de sua vida e, em consequência, de sua obra. É mais um caso de amizade que*

a Pinakothèque torna visível!”, destaca Max, responsável pelo planejamento e organização da publicação e curador da exposição.



Rubem Valentim, *Emblema G*, 1988

Foto: Divulgação

“PRODUTO VITAL DO SER MESTIÇO QUE NOS TORNAMOS”

Paraense nascido em 1953, artista plástico e poeta,

Bené Fonteles destaca que Rubem Valentim *“talvez seja o artista que fez melhor e mais intensamente a síntese sincrética em todas as Américas afetadas por uma colonização brutal que ainda atormenta a consciência no século XXI. Artista extraordinário que decodificou, durante cinco décadas, a herança mestiça na busca obsessiva de um fazer sempre leal à sua ‘riscadura e sentir brasileiros’, atravessado por propósitos de uma rigorosa e radical artesanaria”*. Ele comenta que Rubem Valentim afirmava: *“Fora do fazer, não há salvação”*. *“Esta salvação era eivada pela radicalidade de um artista-sacerdote – como ele queria ser em seu mosteiro-ateliê sonorizado pelos cantos gregorianos ou, ainda, Bach e Mozart”*, observa Fonteles. *“Seja em Brasília ou São Paulo, desenvolvia seu projeto inspirado por sua vocação construtiva vinda da tradição milenar de nossa arte ameríndia assim como dos povos que atravessaram o Atlântico em meio a toda dor e a redimiram num raro projeto cultural e espiritual sem paralelo no mundo. Valentim é produto vital desse ser mestiço que nos tornamos”*.

ALÉM DE NOSSAS FRONTEIRAS

Obras do artista fazem parte dos acervos do Museu de Arte Moderna de Roma, Museu de Arte Moderna de Paris, Museu de Arte e História de Genebra, na Suíça, Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), nos EUA, Museu de Arte de Ontário, no Canadá. Na África, há obras de Rubem Valentim no Museu de Arte de Lagos, na Nigéria, e no Museu de Arte de Marrakech, no Marrocos.

SERVIÇO

LANÇAMENTO DO LIVRO E EXPOSIÇÃO

“RUBEM VALENTIM (1922-1991) – SAGRADA GEOMETRIA”

De 2 a 30 de julho 2022

Pinakothek São Paulo

Rua Ministro Nelson Hungria, 200, Morumbi, São Paulo / SP

(11) 3758-0546 | Entrada gratuita

Segunda a sexta, das 10h às 18h; Sábados, das 10h às 16h



Christian Cravo, *Sem título*, 2021



Gustavo Dall'Ara, *A Glória* – Rio de Janeiro, 1906

Foto: Divulgação

“MODERNIDADES EMANCIPADAS”
Mostra na Galeria Danielian (RJ) traça
um panorama histórico de “modernidade”,
com 80 obras de 38 artistas brasileiros
ou radicados no Brasil. Abertura será no dia 7

A exposição propõe uma reflexão crítica e expandida sobre a ideia de modernidade, à luz do contexto sociopolítico e econômico que atravessa o período de meados do século XIX até a primeira metade do século XX. Os curadores Marcos de Lontra Costa e Rafael Peixoto inseriram ainda produções de artistas que ficaram à margem da história "oficial" do modernismo

A mostra se articula em quatro eixos centrais que ocupam os dois andares de espaços expositivos da galeria: *“A paisagem como transformação”*; *“O ser moderno – uma estética identitária”*; *“Modernidade em construção”* e *“Territórios de Re-existência”*. Ao final há um núcleo documental com capas de discos em vinil, fotografias, revistas e jornais, mostrando artistas e personalidades que construíram diferentes modos de sobreviver nesse ambiente moderno.



Lasar Segall, *Favela*, 1957

Foto: Divulgação

Cada um desses núcleos será acompanhado de textos curatoriais na parede, além de comentários críticos e contextualizações históricas, para *“estimular a reflexão do público dessa exposição que propõe o alargamento das noções tradicionais de modernidade na arte brasileira”*. Marcus de Lontra Costa e Rafael Peixoto explicam os quatro eixos da exposição.

PAISAGEM COMO TRANSFORMAÇÃO

A partir das revoluções industriais ao longo do século 19 e do advento tecnológico da fotografia, surge a necessidade de construir novas relações com a representação da paisagem. Tanto os movimentos naturalistas quanto as pesquisas impressionistas denotam um processo de observação direta da natureza em contraponto à pintura realizada dentro de ateliês. Essa transformação reflete uma busca pela experimentação em detrimento aos cânones da tradição e da formalização.

No Brasil, destacam-se as experiências do Grupo Grimm (1884-1886) – jovens artistas se reuniam para pintar ao ar livre sob a orientação do pintor naturalista alemão Georg Grimm (1846-1887). Além disso, as transformações que acontecem no ensino das artes depois da Proclamação da República, em 1889, permitem que diversos artistas tenham contato com as vanguardas europeias e tragam consigo esse olhar mais amplo para a paisagem, com destaque para a investigação de cores e luzes que caracteriza os movimentos impressionistas.

Anita Malfatti, *Namorados*

Foto: Divulgação

O SER MODERNO – UMA ESTÉTICA IDENTITÁRIA

A partir de uma lógica de produtividade, o capital financeiro passa a ser o elemento de qualificação dos indivíduos, e a burguesia ocupa os espaços que antes pertenciam ao clero e à nobreza. Para reafirmar essa nova posição social, era necessária a criação de uma imagem pública. As obras que decoravam as casas e palacetes do período representam o luxo e a sofisticação de uma classe emergente.

No cenário brasileiro, essa reafirmação torna-se ainda mais iminente em função do fim da monarquia. Identificadas como um realismo burguês, as pinturas refletem um estilo de vida urbano, caracterizado pelo “gosto” como sentimento estético de sofisticação. Pinturas de cavalete retratam cenas interiores e cotidianas de uma família burguesa. Além disso, o “exo-

tismo” de diferentes culturas constitui também um dos elementos que definem esse gosto burguês.

A MODERNIDADE EM CONSTRUÇÃO

As metrópoles são a construção material de toda a complexidade moderna. Em seus espaços se estabelecem as dinâmicas de poder, de pertencimento e de identidade que constituem uma forma de viver moderna. Nesse eixo curatorial estão articulados três olhares a partir de uma ideia de construção direcionada.

Na primeira delas, foram pontuadas de maneira livre as utopias e distopias que permeiam a virada do século XX. No cenário internacional, um otimismo libertário depara com o horror de duas guerras mundiais. No Brasil, de mãos dadas com a esperança ufanista de uma sociedade democrática, andam experiências que tomam para si a construção de uma ideia de nação, mas que hoje com o afastamento histórico, trazem as marcas indelévels de princípios totalitaristas.

Essa modernidade planejada torna-se real através de projetos urbanísticos que transformam a aparência e o estilo de vida dos habitantes da cidade. O traçado que incorpora um conceito de arte aplicada à rotina, influenciado pelos movimentos do *art nouveau* e do *art déco* europeus, busca aproximar, no caso brasileiro, suas grandes cidades de um padrão estético que refletia o desenvolvimento de um país. Como contradição e resultado de um projeto de verticalizado de cidade, a grande maioria da população fica fora dessa “mo-



Belmiro de Almeida, Parque do Castello do Duque De Luynes

Foto: Divulgação

dernização”, sendo empurrada para zonas periféricas, construindo uma lógica moderna própria de existência nesses novos espaços urbanos, como se vê no quarto eixo curatorial.

Mas se nas reformas urbanas essa realidade foi excluída, num projeto de reformulação artística ela teve papel de personagem central. A Semana de Arte Moderna de 1922 e a publicação do Manifesto Antropofágico, em 1929, são duas ações icônicas que demonstram o corte histórico pretendido por esses artistas e a apropriação que fazem do termo “*moderno*” para definir suas produções. Com a intenção de criar uma arte essencialmente brasileira, que refletisse e representasse a nossa pluralidade, os modernistas se

debruçam sobre as práticas desses grupos sociais excluídos como tema de suas pinturas. É inegável que a abertura temática que representam tem importância fundamental para as transformações que acontecem ainda hoje na realização artística brasileira.

TERRITÓRIOS DE RE-EXISTÊNCIA

Nessa reflexão que propõe uma emancipação dos conceitos canônicos de modernidade é fundamental que o nosso olhar seja direcionado, também, para formas de viver e conviver que ficaram obliteradas pelos discursos hegemônicos que escreveram a história oficial. A experiência moderna é muito mais ampla e complexa do que pretenderam os projetos e projeções em seu nome.

No caso brasileiro, o contexto sociopolítico do final do século XIX se transforma drasticamente. As mudanças na forma de governo permanecem atendendo aos interesses particulares de elites agrárias e urbanas que ocupam o vértice da pirâmide social das estruturas capitalistas. Na base, um enorme contingente populacional se vê desassistido por uma abolição da escravidão feita sem nenhum projeto social que a fizesse acontecer de fato. Na prática, empurrados para a margem de um ideal moderno, essas pessoas desenvolveram suas formas de existir, e resistir, nessa modernidade

Nesse período acontece a formação das primeiras favelas, a criação das Escolas de Samba, a relativa aceitação social dos terreiros de Candomblé e de Umbanda, a gradual descriminalização da Capoeira, a organização político-econômica em torno do Jogo do Bicho, assim como várias outras expressões que afirmam a ideia de reunir para resistir.

Nesse eixo, estão produções artísticas obliteradas que encontraram dentro dos desafios de uma sociedade desigual formas de se manifestarem artisticamente como sujeitos de seu tempo. Deslocando-os das chancelas de populares ou *naïfs*, sua produção foi encarada como expressão de uma modernidade que vem sendo ignorada pela historiografia tradicional. Um painel histórico, com materiais documentais como revistas de época, vinis e fotos rastreadas de personalidades que ilustram por sua trajetória a pluralidade de individualidades que constroem essa ideia de comunidade, completa a mostra.



Arthur Timótheo da Costa, *Figura de Menino*

Foto: Divulgação

SERVIÇO

EXPOSIÇÃO “MODERNIDADES EMANCIPADAS”

De 7 de julho até 13 de agosto de 2022

Danielian Galeria | Entrada gratuita

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea, Rio de Janeiro, RJ

Segunda a sexta-feira, de 11 às 19h

Telefones: +55212522-4796 | +552198830-3525

Email: contato@danielian.com.br

<https://www.danielian.com.br/>

https://www.instagram.com/danielian_galeria/



Kiki Smith, *Lilith* © Pace Gallery / Reprodução

O PODER FEMININO NO MUSEU BRITÂNICO

Maria Hermínia Donato

As celebrações do Jubileu da Rainha pararam o país por quatro dias numa grande festa. Agora os trabalhadores reivindicam um aumento nos salários e param o país com greves. Londres, porém, continua bombando.

As atividades culturais se proliferam com festivais, festas locais e feiras que agitam o calendário do verão. E os turistas se vingam das restrições da pandemia com suas malas de rodinhas pela cidade.



Judy Chicago,
The Creation
© The British Museum
/ Reprodução

Os grupos de estudantes invadem os museus com mochilas e risadas que, por vezes, provocam um olhar reprovador dos outros visitantes, e milhares de pessoas aproveitam os três mil parques que ocupam 18% da área total desta cidade verde.

Nesse clima festivo, fui ao Museu Britânico ver *Feminine Power: the divine to the demonic* (*Poder Feminino: o divino ao demoníaco*), primeira grande exposição de representações mitológicas do feminino, feminilidade e gênero.

A mostra reúne uma grande variedade de deusas, feiticeiras e demônios, explorando o modo como as culturas antigas e modernas veem as mulheres, e como a autoridade feminina era temida e reverenciada através da história.

A curadoria é de Belinda Crerar, que também é autora do catálogo ricamente ilustrado. A mostra reúne aproximadamente 70 peças, entre esculturas, objetos sagrados e obras de arte, representando cinco mil anos de história de seis continentes – incluindo pergaminhos pintados do Tibete, esculturas romanas, amuletos egípcios,

gravuras japonesas e esculturas em relevo indianas. Alguns trabalhos têm comentários de Mary Beard, historiadora e escritora; Bonnie Greer, dramaturga e crítica; Elizabeth Day, podcaster e escritora; Rabia Siddique, advogada de direitos humanos; e Deborah Frances-White, podcaster e comediante. Elas foram convidadas pela curadora e completam a mostra com textos que abordam a influência do poder espiritual feminino e o significado atual da feminilidade.

ALGUNS DESTAQUES DA MOSTRA

A exposição está dividida em seis núcleos: *Criação e Natureza, Paixão e Desejo, Magia e Malícia, Justiça e Defesa, Compaixão e Salvação e Poder Feminino Hoje*. As obras enfatizam a variedade e onipresença da mulher divina ao longo da existência humana, e exibem uma leitura sobre a origem da vida explicitada nas variadas crenças espirituais.

A artista contemporânea Judy Chicago reinventa a história da criação cristã, a partir da perspectiva feminista contida na gravura *"The Creation (A Criação)"*, 1985. Ela diz que é fake news a crença de que um deus masculino

criou o primeiro homem e mostra uma divindade feminina deitada em uma posição de parto, validando a necessidade da mulher para a criação do homem.

Este trabalho faz parte da série *“The Birth Project (Projeto de Nascimento)”*, na qual Chicago colaborou com um coletivo de bordadeiras espalhadas por toda América para promover a representação do nascimento na arte ocidental, usando uma habilidade tradicionalmente feminina.

Um vídeo mostra a cerimônia do Festival anual de Oshun, que ocorre todo mês de Agosto num bosque sagrado às margens do rio Osun, em Osogbo, na Nigéria. Oshun, orixá lorubá gentil e feroz da água doce, da cura e da fertilidade. Seu poder é vital para criação da vida.

O bosque sagrado é uma das últimas áreas de floresta primária no sul da Nigéria, que recebeu o título de Patrimônio Mundial da Unesco em 2005, e atrai milhares de devotos que deixam suas oferendas e orações para obter saúde e boa sorte. Fiquei feliz ao ver uma cerimônia tão familiar da minha cultura representada na exposição.

Paixão e o desejo erótico têm sido espiritualmente associados à influência feminina e ao corpo nu da mulher. *“Lilith”*, a escultura de Kiki Smith, de 1994, foi inspirada na mitologia judaica (700 AC), segundo a qual teria sido a primeira mulher de Adão. Por se recusar a ser subserviente a ele, demandou por igualdade e foi exilada do Éden. Anteriormente considerada um demônio, hoje é um ícone feminista por seu espírito independente e rebelde.

A escultura mostra Lilith nua colocada no alto, impedindo uma visão voyeurística do seu corpo pelos visitantes. Esse trabalho me lembrou *“Dog Woman” (Mulher cachorro)*, 1994, de Paula Rego, que originou uma série de pinturas celebrando o poder visceral das mulheres.



Kiki Smith, *Lilith*, Image © The Metropolitan Museum of Art, New York, photo by Hyla Skopitz / Reprodução

A estátua de Tlazolteotl Huastec, deusa da purificação venerada pelos indígenas huastecas do nordeste do México, e mais tarde pelos astecas, inspirava o desejo sexual, mas também consumia e absolvía a “sujeira” das transgressões da sociedade. O cocar adornado com flores de algodão sugere sua capacidade de fertilizar a terra.

Li que um grupo de visitantes teria parado brevemente para se ajoelhar e rezar diante da estátua da deusa, divindade antiga e obscura, que ainda possui significado espiritual para eles.

A segurança de um reinado dependia do favor divino, da deusa Inanna, personificação do desejo sexual, também considerada uma guerreira agressiva chamada de Ishtar pelos babilônios e assírios. Sua adoração se es-

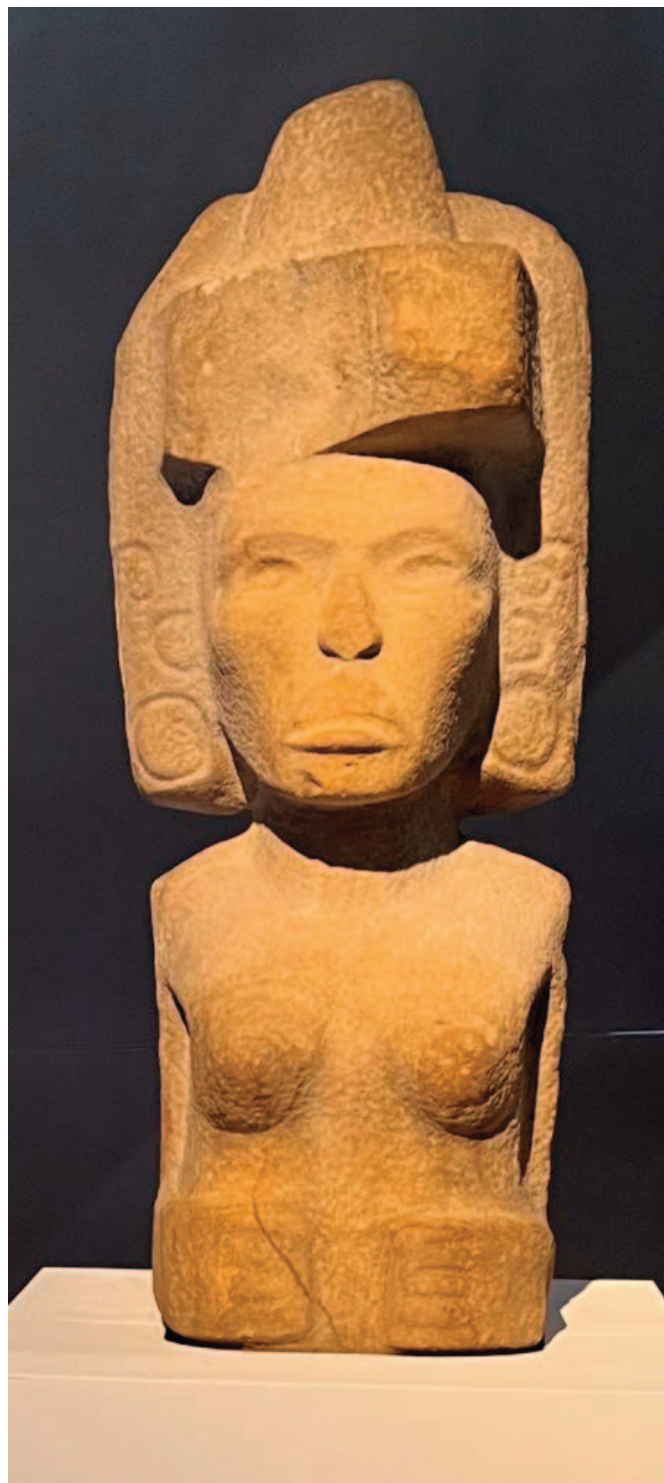
palhou pelo Oriente Médio e Mediterrâneo. Na arte, era retratada em forma feminina; nos hinos, às vezes, era elogiada como feminina e masculina.



Tábua de barro Iraque
Foto: Maria Hermínia Donato

Uma tábua de barro Iraque – 1800 AC, em escrita cuneiforme, registra um rei implorando perdão à deusa depois que ela o rejeitou. Ele compara seu temperamento a uma tempestade “tremendo os céus, sacudindo a terra”.

No último núcleo da mostra, *Compaixão e Salvação*, há três representações da Virgem Maria: um mosaico de 1980 do México, um ícone ortodoxo russo de



Estátua de Tlazolteotl Huastec Foto: Maria Hermínia Donato

bronze, e uma estatueta de marfim francesa do século XIII. Sua contraparte do Alcorão, *Maryam* (Maria em árabe), pela caligrafia de Surat Maryan, e a deusa budista da Misericórdia, Guanyin, que começou como um bodhisattva masculino, e exemplifica as vertentes não binárias na concepção de poder feminino, completam a mostra.

Segundo a historiadora Mary Beard, a nossa relação com a história muda quando o presente nos força a fazer diferentes perguntas do passado. E no final da exposição, os visitantes são convidados a responder a seguinte indagação: “*O que o poder feminino diz para você?*” Pergunta que se justapõe à afirmação que encontrei numa tela logo no início da visita.

“Esta exposição é sobre transição. É sobre o feminino como poder de transição. Então, é melhor você deixar toda a sua ‘bagagem’ para trás porque você estará mudado quando sair.”

Há críticas que sugerem que a mostra deveria ser mais radical para efetuar uma mudança.

Para mim, as imagens poderosas das mulheres continuam a me intrigar e encantar. Não houve mudança, mas conhecimento de como as diferentes tradições veem a feminilidade e como a autoridade feminina foi percebida nas culturas antigas.

Será que esse não é o papel do Museu?

Poder Feminino: do divino ao demoníaco

está no Museu Britânico em Londres, até 25 de setembro



Kaushik Ghosh, *Deusa hind Kali Murti*
© The British Museum / Reprodução



Antiga placa babilônica da Rainha da Noite. Sul
do Iraque, séculos 19 e 18 aC
© The British Museum / Reprodução

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868